

01

Leia o texto abaixo:

A literatura da era digital

A internet tem sido um veículo de extrema importância para a divulgação dos escritores das novas gerações, assim como dos autores de épocas em que os únicos meios de acesso à leitura eram o livro e os jornais. Hoje, com todo o advento da tecnologia, os leitores de diversas faixas etárias e de qualquer parte do mundo podem acessar e fazer o *download* gratuito de uma infinidade de livros [...]. Pesquisas recentes indicam que o número de obras literárias de poesia e ficção tem crescido consideravelmente nos últimos anos. Vários escritores têm preferido publicar seus textos ou livros virtualmente a ter que enfrentar os critérios e a seleção, muitas vezes injusta, das editoras. Portanto, a internet tem se tornado um espaço facilitador que acaba por redimensionar a literatura em todo o mundo. Nos Estados Unidos, por exemplo, até escritores consagrados disponibilizam seus textos na *internet*, pois têm consciência de que a acessibilidade dos leitores ao mundo virtual é muito grande, apesar de o mercado editorial americano ser também um monstruoso veículo de divulgação da literatura. Nos países da Europa, apesar da enorme quantidade de livrarias e bibliotecas e de todas as leis de incentivo à publicação que barateiam o preço dos livros, os escritores não hesitam em publicar suas obras pela *web*, porque sabem que lá também estão os seus leitores. [...]

FREITAS, Mirian de. *A literatura da era digital*. Revista *Literatura*. n°28, p. 25. (P090613EX_SU

Nesse texto, o uso de palavras como "*web*", "*download*", "*internet*" são típicas da linguagem

- (A) coloquial.
- (B) formal.
- (C) jornalística.
- (D) técnica.
- (E) em gíria.

02

Leia:



O que torna o texto engraçado é que

- (A) a aluna é uma formiga.
- (B) a aluna faz uma pechincha.
- (C) a professora dá um castigo.
- (D) a professora fala "XIS" e "CÊ AGÁ".
- (E) a escolha das personagens pelo autor.

03

Leia:

A CHUVA

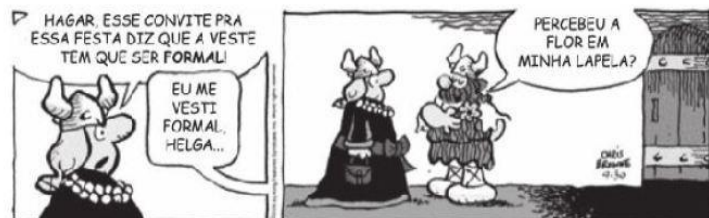
A chuva derrubou as pontes. A chuva transbordou os rios. A chuva molhou os transeuntes. A chuva encharcou as praças. A chuva enferrujou as máquinas. A chuva enfureceu as marés. A chuva e seu cheiro de terra. A chuva com sua cabeleira. A chuva esburacou as pedras. A chuva alagou a favela. A chuva de canivetes. A chuva enxugou a sede. A chuva anoiteceu de tarde. A chuva e seu brilho prateado. A chuva de retas paralelas sobre a terra curva. A chuva destroçou os guarda-chuvas. A chuva durou muitos dias. A chuva apagou o incêndio. A chuva caiu. A chuva derramou-se. A chuva murmurou meu nome. A chuva ligou o pára-brisa. A chuva acendeu os faróis. A chuva tocou a sirene. A chuva com a sua crina. A chuva encheu a piscina. A chuva com as gotas grossas. A chuva de pingos pretos. A chuva açoitando as plantas. A chuva senhora da lama. A chuva sem pena. A chuva apenas. A chuva empenou os móveis. A chuva amarelou os livros. A chuva corroeu as cercas. A chuva e seu baque seco. A chuva e seu ruído de vidro. A chuva inchou o brejo. A chuva pingou pelo teto. A chuva multiplicando insetos. A chuva sobre os varais. A chuva derrubando raios. A chuva acabou a luz. A chuva molhou os cigarros. A chuva mijou no telhado. A chuva regou o gramado. A chuva arpegiou os poros. A chuva fez muitas poças. A chuva secou ao sol.

ANTUNES, Amaldo. *As coisas*. São Paulo: Iluminuras,

Todas as frases do texto começam com "a chuva". Esse recurso é utilizado para

- (A) provocar a percepção do ritmo e da sonoridade.
- (B) provocar uma sensação de relaxamento dos sentidos.
- (C) reproduzir exatamente os sons repetitivos da chuva.
- (D) sugerir a intensidade e a continuidade da chuva.
- (E) enfatizar a ideia de tristeza do autor.

04



Disponível em: <http://multirinhas.blogspot.com/2009/06/hagar-em-dobro.html>. (P110060A9_SUP)

O destaque dado à palavra "formal", associado à expressão facial de Helga, sugere

- (A) ódio.
- (B) sofrimento.
- (C) julgamento.
- (D) histeria.
- (E) reprovação.

05

Leia:

A letra e a música

Quando nos encontramos
Dizemo-nos sempre as mesmas palavras que todos os amantes dizem...
Mas que nos importa que as nossas palavras sejam as mesmas de sempre?
A música é outra!

QUINTANA, Mário. *A cor do invisível*. 2ª ed. São Paulo: Ibo, 1994. p. 96.

No primeiro verso "QUANDO nos encontramos", a expressão destacada estabelece uma relação de

- (A) musicalidade.
- (B) proporcionalidade.
- (C) temporalidade.
- (D) causalidade.
- (E) finalidade.

06

Leia:

Vida

Quando era criança pura,
Moleque, danado e travesso.
Tudo que tocava levava
Ao mundo da fantasia.

5 Mas logo me tornei adolescente.
A confusão permeava minha mente.
Por mais que tentasse a magia,
Estavam fechadas as portas da fantasia.

10 Tempo passou, tornei-me adulto.
Sempre à procura do lado oculto.
Mas as viagens malucas
Continuavam presas à magia.

Logo chegou a velhice,
Aquele que tudo esclarece.

15 Que cochichou bem baixinho:
Sabedoria, só para quem a merece.

BELO, João. Disponível em: <www.mundojovem.com.br> - p. 9, n° 384 - Março/2008.

No verso "QUE cochichou bem baixinho", a expressão destacada refere-se a

- (A) criança.
- (B) sabedoria.
- (C) adulto.
- (D) adolescente.
- (E) velhice.

07

Leia os dois textos abaixo:

Texto 1
Poesia Gastei uma hora pensando um verso que a pena não quer escrever. No entanto ele está cá dentro inquieto, vivo. Ele está cá dentro e não quer sair. Mas a poesia deste momento inunda minha vida inteira.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Carlos Drummond de Andrade: poesia e prosa*. 8. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992, p.20.

Texto 2
DECLARAÇÃO DE AMOR Clarice Lispector Esta é uma declaração de amor. Amo a língua portuguesa. E ela não é fácil. Não é maleável. E, como não foi profundamente trabalhada pelo pensamento, a sua tendência é a de não ter sutilezas e de reagir às vezes com um verdadeiro pontapé contra os que temerariamente ousam transformá-la numa linguagem de sentimento e alerteza. E de amor. A língua portuguesa é um verdadeiro desafio para quem escreve. Sobre tudo para quem escreve tirando das coisas e das pessoas a primeira capa de superficialidade. Às vezes ela reage diante de um pensamento mais complicado. Às vezes se assusta com o imprevisível de uma frase. [...] Disponível em: <http://recantadasletras.uol.com.br/prosapoetica/305163>

Esses dois textos

- (A) ambos são textos informativos.
- (B) apresentam o tema usando a mesma estrutura.
- (C) o Texto 2 apresenta o tema com objetividade.
- (D) têm uma visão poética sobre o ato de escrever.
- (E) o Texto 1 refere-se a qualquer forma de escrita.

08

	Par ou ímpar
	Aberta de segunda a sábado nos arredores da praça da matriz, a Barbearia Central sempre teve muito movimento, tanto que permitiu aos barbeiros Careca e Bigode sustentar mais de uma família cada. Sempre em harmonia, os dois sobreviveram à moda dos cabelos compridos entre os homens, aguentaram diversos surtos inflacionários e resistiram à proliferação de salões de cabeleireiros unissex na cidade. Na virada do milênio, começaram a se desentender. A briga teve início porque um quis fazer uma reforminha – implantar um sanitário – para oferecer um conforto extra aos clientes; o outro achou bobagem – quem precisasse de banheiro que fosse à estação rodoviária, ali perto. Por meses os dois bateram boca, mal respeitando a presença dos fregueses, que faziam fila da manhã ao anoitecer. Até que resolveram separar-se. Jogo duro: nenhum queria sair. Deu empate em todos os itens colocados na mesa: idade, antiguidade na barbearia, número de fregueses. Par ou ímpar? Estavam para decidir nos dados – que também rolavam por ali, nos remansos do trabalho – quando chegou o sírio Simão, dono do salão de 6 x 4m. Vinha cobrar o aluguel. Inteirado da discórdia, resolveu a parada no ato, com um gesto largo e a frase salomônica: “Sem problema, patrício: bota parede no meio do salão!” Foi assim que se dividiu o mais antigo estabelecimento do gênero na cidade. Agora, ao lado da Barbearia Central, funciona o Salão Principal – com banheiro. Totalmente independentes, os dois têm alvarás distintos e contas de luz e água separadas. Em nome dos princípios da boa vizinhança, Careca e Bigode se cumprimentam, mas só bom dia e até logo; papo, nunca mais. E não é por falta de assunto local ou nacional. Nas duas salinhas do sábio Simão nada mudou: o dia inteiro, tesouras afiadas e línguas ferinas seguem cortando cabelos e aparando reputações.

Globo Rural, abril, 2008. *Adaptado: Reforma Ortográfica. (P120211A9_SUP)

O fato que desencadeou essa história foi

- (A) fila de fregueses.
- (B) a construção de um banheiro.
- (C) a inflação oscilante.
- (D) a virada do milênio.
- (E) a crescente concorrência.

09

Leia o texto abaixo:

A coruja e a águia

A coruja e a águia, depois de muita briga resolveram fazer as pazes.

– Basta de guerra – disse a coruja. – O mundo é grande, e tolíce maior que o mundo é andarmos a comer os filhotes uma da outra.

– Perfeitamente – respondeu a águia. – Também eu não quero outra coisa.

– Neste caso combinamos isto: de ora em diante não comerás nunca os meus filhotes.

– Muito bem. Mas como posso distinguir os teus filhotes?

– Coisa fácil. Sempre que encontras uns borrachos lindos, bem- feitos de corpo, alegres, cheios de uma graça especial que não existe em filhote de nenhuma outra ave, já sabes, são os meus.

– Está feito! – concluiu a águia.

Dias depois, andando à caça, a águia encontrou um ninho com três monstrenços dentro, que piavam de bico aberto.

– Horríveis bichos! – disse ela. – Vê-se logo que não são os filhos da coruja. E comeu-os.

Mas eram os fi lhos da coruja. Ao regressar à toca, a triste mãe chorou amargamente o desastre e foi ajustar contas com a rainha das aves.

– Quê? – disse esta, admirada. – Eram teus fi lhos aqueles monstrenços?

Pois, olha, não se pareciam nada com o retrato que deles me fizeste... Para retrato de filho ninguém acredite em pintor pai.

Lá diz o ditado: quem o feio ama, bonito lhe parece.

Monteiro Lobato. Ciência hoje das crianças, MEC/FNDE, ano 10, n° 66, p. 08.

A coruja e a águia, depois de muitas brigas resolveram fazer as pazes porque

- (A) gostavam de comer aves bastante crescidas.
- (B) comiam todos os bichos que encontravam.
- (C) detestavam encontrar ninhos com aves pequenas.
- (D) achavam tolíce comer os filhotes uma da outra.

10

Ar puro para a vida		Leonardo Boff
5	No início do ano, o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas – um organismo da ONU que congrega cerca de 2.500 cientistas de 130 países – informou que já vivemos os efeitos do aquecimento global do planeta.	Nossa casa comum poderá, desde já, ficar muito mais quente, oscilando entre 1,4 e 6 graus Celsius. Esses números, apesar de aparentemente inofensivos, são capazes de desencadear grandes transtornos climáticos e uma devastação inimaginável de seres vivos. Muitos lugares ficarão inabitáveis. Haverá grande emigração para regiões de temperaturas mais amenas.
	Anualmente, são lançados 27 bilhões de toneladas de dióxido de carbono no ar. Isso equivale, se condensado, a uma montanha de 1,5 quilômetro de altura com uma circunferência de base de 19 quilômetros. Como a Terra pode assimilar esses resíduos invisíveis e mortais?	
10	O receio, o medo, até o pavor que está tomando conta de muitos cientistas, economistas e políticos ecologicamente despertos como Gorbachev e Al Gore, entre outros, é que estamos nos aproximando de um momento crítico. Se as coisas seguirem como estão, fatalmente iremos ao encontro do pior.	No entanto, podemos minorar os efeitos maléficos e mudar a situação se os Estados, as grandes empresas, as instituições e cada pessoa deixarem de queimar lixo, de contaminar o ar e controlarem a emissão de gases dos carros mediante energias alternativas e menos poluentes. Só assim, a Terra, que tem força de regeneração, conseguirá garantir ar puro para a vida.
15		
20		

Revista Brasil Almanaque de Cultura Popular, Ano 9, agosto 2007, no 100. Pág. 8. (P090469A9_SUF)

Segundo esse texto, o que causará a emigração para regiões de temperaturas mais amenas?

- (A) A elevação da temperatura em vários lugares.
- (B) A inevitável aproximação de um momento crítico.
- (C) Os efeitos maléficos da natureza.
- (D) A identificação dos efeitos do aquecimento global.
- (E) A preocupação com o dióxido de carbono.

11

Leia o texto abaixo:

ENTENDA MELHOR ESSE FENÔMENO

Primeiro o céu fica bem escuro e começa a chover. Aí vem um clarão bem forte, seguido de um barulho enorme. E a gente toma o maior susto! O nome desse fenômeno, poderoso e às vezes assustador, é raio. O raio nasce em nuvens grandes e escuras, que têm a parte de baixo lisa. Elas são conhecidas como cúmulos-nimbos e ficam bem altas, entre 2 e 18 quilômetros do chão. Quando estão cheias de gotículas de água e pequenos pedaços de gelo, caem grandes tempestades. Com o vento as pedrinhas de gelo batem umas nas outras. Essa agitação cria partículas de eletricidade na nuvem.

Se uma nuvem com muitas partículas elétricas negativas encontra outra com muitas partículas positivas, elas trocam essas partículas, formando uma corrente elétrica poderosa. Também pode acontecer de se formar uma corrente elétrica entre uma nuvem e o solo. Nos dois casos, o resultado final é o raio.

(MOIÓLI, Júlia. Revista Recreio n.411. Janeiro/2008)

A opinião da autora desse texto, a respeito dos raios, é que eles

- (A) surgem em um clarão seguido de um barulho.
- (B) nascem em grandes nuvens escuras.
- (C) são fenômenos poderosos e assustadores.
- (D) são formados por corrente elétrica.
- (E) batem umas nas outras.

12

Leia o texto abaixo:

O alho bento

Mané Frajola não tinha um centavo. Jurou que ia dar jeito na vida. E deu. Catou uma réstia de alho e saiu pro mundo, apregoando:

- Alho bento! Olha o alho bento!
- Parou uma velha.
- Alho bento? Serve prá que?

– Isso aqui tira quebranto, olho gordo, azá de 7 anos. É só mordê, comê metade e passa a outra metade em cima do coração!

A velha levou um dentinho, a peso de ouro. Depois veio um velho. Repetiu a pergunta, ouviu a mesma resposta. Levou! De crédulo em crédulo, Mané Frajola vendeu a réstia toda, até o final da manhã. Estava com os cobres. Mas aí veio o Conde Drácula, chegado da Transilvânia e não gostou da história. Aquela cidade toda cheirava a alho. Resultado: Mané Frajola foi contratado como copeiro do Conde para ganhar dinheiro e parar de vender alho bento. Milagre só acontece quando a prosa do contador de causo padece!

<http://eptv.globo.com/caipira/>

O modo como falam indica que os personagens dessa história são pessoas que

- (A) vivem em outro país.
- (B) vivem no campo.
- (C) falam gírias de jovens.
- (D) falam trocando letras.
- (E) falam jargões.

13

Leia o texto abaixo:

A verdadeira história dos três porquinhos

Eu não sei como começou todo esse papo de Lobo Mau, mas está completamente errado.

Talvez seja por causa de nossa alimentação. Olha, não é culpa minha se os lobos comem bichos engraçadinhos como coelhos e porquinhos. É apenas nosso jeito de ser. Se os cheesburgers fossem uma gracinha, todos iam achar que você é Mau.(...)

No tempo do Era Uma Vez, eu estava fazendo um bolo de aniversário para minha querida vovozinha. Eu estava com um resfriado terrível, espirrando muito. Fiquei sem açúcar.

Então resolvi pedir uma xícara de açúcar emprestada para o meu vizinho.

Agora, esse vizinho era um porco.

E não era muito inteligente também.

Ele tinha construído a sua casa toda de palha.

Dá para acreditar? Quero dizer, quem tem a cabeça no lugar não constrói uma casa de palha. (...)

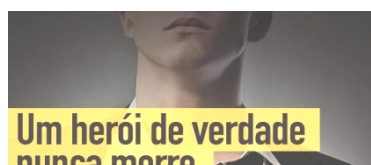
SCIESZKA, Jon. A verdadeira história dos três porquinhos. Editora Companhia das Letrinhas.

Em qual frase aparece um comentário irônico do narrador sobre a alimentação dos leitores?

- (A) Não é culpa minha se os lobos comem bichos engraçadinhos.
- (B) Se os cheesburgers fossem uma gracinha, todos iam achar que você é Mau.
- (C) Talvez seja por causa de nossa alimentação.
- (D) Eu estava fazendo um bolo de aniversário para minha querida vovozinha.
- (E) Quero dizer, quem tem a cabeça no lugar não constrói uma casa de palha

14

Leia o cartaz publicitário que trata da doação de órgãos.



O texto tem por finalidade

- (A) criticar.
- (B) conscientizar.
- (C) denunciar.
- (D) informar.
- (E) descrever.

15

Leia o texto abaixo.

O piolho viajante

Antônio Manuel Policarpo da Silva

Eu nasci lá para a Ásia. Nasci fora de tempo. Minha mãe esteve em perigo de vida, mas, mesmo assim, nasci, ainda que piolho, bastante grande e largo, tanto que muitas vezes me confundiam com um percevejo. Saí todo à minha mãe, principalmente nos olhos. A minha cor é cinzento-escuro.

A primeira cabeça onde pus o pé e o dente foi a de um teimoso, mas um homem bom, ele tinha a maior vaidade em dizer que tinha piolhos.

Passados dias, o teimoso decidiu tentar criar cabelo, para isso untava a cabeça com banha. Não é que deu certo o remédio? Porém originou a desgraça de eu ter de passar a outra cabeça.

Acontece que o teimoso vivia com uma teimosa e foi na cabeça dela que eu fui parar. A mulher, porém, resolveu que precisava ir ao cabeleireiro. Quando acordei me vi preso no pente e me pus na cabeça do amigo cabeleireiro. Também não passei mal na cabeça do amigo cabeleireiro. A cabeça parecia uma moita. Era verdadeiramente um mato bravo, cheio de muita bicharia. Aos domingos, ele saía para dançar. Estando numa contradança, esbarrou com uma senhora e deram tão grande cabeçada que caí para a cabeça da Dama. Eu fiz minhas tentativas de saltar ao chão, para voltar à antiga cabeça, mas como estava tudo em desordem, receei ser pisado e fui parar na cabeça da nova senhora (...).

Revista CHC das crianças, Ano 2, p.12, mai. 2008. Adaptado. (P050139A9_SUP)

O narrador desse texto é

- (A) uma mãe
- (B) um percevejo
- (C) um piolho
- (D) uma criança.
- (E) o próprio autor.

16

Leia:

A vida sem casamento

- Afinal, o que as mulheres querem? No campo das aspirações femininas mais fundamentais, essa é uma pergunta fácil de responder. Por razões sociais, culturais e biológicas, a maioria absoluta das mulheres aspira a encontrar um companheiro, casar-se, construir família e, por intermédio dos filhos, ver cumprido o imperativo tão profundamente entranhado em seu corpo e em sua psique ao longo de centenas de milhares de anos de história evolutiva. A diferença a que se assiste hoje é que não existe mais um calendário fixo para que isso aconteça. A formidável mudança que eclodiu e se consolidou ao longo do último século, com o processo de emancipação feminina, o acesso à educação e a conquista do controle reprodutivo, permitiu a um número crescente de mulheres adiar a "programação" materno-familiar. As mulheres que dispõem de autonomia econômica e vida independente não são mais consideradas balzaquianas aos 30 anos – apenas 30 anos! –, encalhadas aos 35 e aos 40, reduzidas irremediavelmente à condição de solteironas, quando não agregadas de baixíssimo status social, melancolicamente mexendo tachos de comida para os sobrinhos nas grandes cozinhas das famílias multinucleares do passado. Imaginem só chamar de titia uma profissional em pleno florescimento, com um ou mais títulos universitários – e um corpinho bem-cuidado que enfrenta com honras o jeans de cintura baixa ou o biquíni nos intervalos dos compromissos de trabalho. Além de fora de moda, o termo pode ser até ofensivo. O contraponto a esses avanços é que, quanto mais as mulheres prorrogam o casamento, mais se candidatam a uma vida inteira sem alcançá-lo.

Bel Moherdani. Revista Veja. 29 Novembro 2006 (Fragmento)

A principal informação desse texto é que as mulheres

- (A) dispõem de autonomia econômica.
- (B) enquanto avançam no profissional, adiam o casamento.
- (C) desejam, através de seus filhos, perpetuar a evolução.
- (D) aspiram casar-se e construir família.
- (E) tem se preocupado mais com a forma física.

17

Leia:

O Bicho

Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.

Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.

O Bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.

O Bicho, meu Deus, era um homem.

3ANDEIRA, Manuel. *Poesias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1955.

Esse texto denuncia

- (A) a diferença entre o homem e o cão.
- (B) a mistura do homem com o bicho.
- (C) a condição miserável do ser humano.
- (D) o trabalho de catadores de lixo.
- (E) o acúmulo de lixo nos pátios.

18

Leia:

Piada

Um homem chega à agência dos correios e compra um selo. Ele lambe o selo, mas este não gruda no envelope, por isso volta ao guichê para reclamar. A funcionária então responde:

— Que engraçado. O senhor é a décima pessoa hoje que reclama desse mesmo selo...

Seleções. Dezembro 2007. p.124.

O humor do texto está no fato de o homem ter

- (A) lambido o selo já lambido.

- (B) ido à agência dos correios.
- (C) reclamado com a funcionária.
- (D) comprado um selo para usar.
- (E) voltado ao guichê.

19

A Pessoa Errada

Pensando bem, em tudo o que a gente vê, e vivencia, e ouve e pensa, não existe uma pessoa certa pra gente. Existe uma pessoa, que se você for parar pra pensar, é na verdade, a pessoa errada. Porque a pessoa certa faz tudo certinho: chega na hora certa, fala as coisas certas, faz as coisas certas. Mas nem sempre precisamos das coisas certas. Aí é a hora de procurar a pessoa errada. A pessoa errada te faz perder a cabeça, fazer loucuras, perder a hora, morrer de amor. A pessoa errada vai ficar um dia sem te procurar, que é para na hora que vocês se encontrarem a entrega seja muito mais verdadeira. A pessoa errada, é na verdade, aquilo que a gente chama de pessoa certa. Essa pessoa vai te fazer chorar, mas uma hora depois vai estar enxugando suas lágrimas, essa pessoa vai tirar seu sono, mas vai te dar em troca uma inesquecível noite de amor. Essa pessoa pode não estar 100% do tempo ao seu lado, mas vai estar toda a vida esperando você. A pessoa errada tem que aparecer para todo mundo, porque a vida não é certa, nada aqui é certo. O certo mesmo é que temos que viver cada momento, cada segundo amando, sorrindo, chorando, pensando, agindo, querendo e conseguindo. Só assim, é possível chegar aquele momento do dia em que a gente diz: "Graças a Deus, deu tudo certo!", quando na verdade, tudo o que Ele quer, é que a gente encontre a pessoa errada, Para que as coisas comecem a realmente funcionar direito pra gente.

Nossa missão: Compreender o universo de cada ser humano, respeitar as diferenças, brindar as descobertas, buscar a evolução.

Luis Fernando Veríssimo

O texto acima é um exemplo de

- (A) conto.
- (B) memória.
- (C) reportagem.
- (D) crônica.
- (E) lenda.

20

Aneiotinhas

De manhã, o pai bate na porta do quarto do filho:

— Acorda, meu filho. Acorda, que está na hora de você ir para o colégio.

Lá de dentro, estremunhando, o filho respondeu:

— Ai, eu hoje não vou ao colégio. E não vou por três razões: primeiro, porque eu estou morto de sono; segundo, porque eu detesto aquele colégio; terceiro, porque eu não agüento mais aqueles meninos. E o pai responde lá de fora:

— Você tem que ir. E tem que ir, exatamente, por três razões: primeiro, porque você tem um dever a cumprir; segundo, porque você já tem 45 anos; terceiro, porque você é o diretor do colégio.

Aneiotinhas do Pasquim. Rio de Janeiro: Codecri, 1981. p. 8.

No trecho “Acorda, que está na hora de você ir para o colégio”

(l. 2), a expressão sublinhada estabelece relação de

- (A) adição.
- (B) alternância.
- (C) conclusão.
- (D) explicação.
- (E) oposição.